

## Factores linguísticos, cognitivos e culturais na definição do modelo espaço-temporal do texto\*

HANNA JAKUBOWICZ BATORÉO  
(Universidade de Lisboa)

Tal como em trabalhos anteriores (Batoréo, 1992 e 1993), onde se iniciou a abordagem da problemática relativa à representação espacial ao nível do texto escrito, o estudo aqui apresentado insere-se na investigação sobre a expressão do Espaço no Português Europeu (Batoréo, 1996).

Ao retomar a temática já anteriormente abordada, apresentamos, aqui, um quadro explicativo que permite evidenciar as diferenças ocorridas na representação espacial entre textos escritos no Português Europeu e outros, por exemplo em Inglês, Francês ou Castelhana. O modelo proposto enquadra-se na Linguística Cognitiva (Lakoff & Johnson, 1980; Lakoff, 1987 e Wierzbicka, 1992), propondo, alternativamente, uma perspectivação intratextual, baseada na metáfora da Viagem, e uma abordagem extratextual, com base na metáfora do Contentor.

A representação Espaço-Temporal do texto escrito apresenta, aliás, no Português Europeu, algumas características que merecem uma análise pormenorizada<sup>1</sup>. Trata-se, particularmente, de uma situação em que as relações quadridimensionais são projectadas para a linearidade bidimensional da escrita. As letras, palavras, frases ou unidades maiores do texto relacionam-se entre si, surgindo *antes* ou *depois* umas das outras, em função de uma ordem temporal. Assim, definir que um elemento A está *antes* do elemento B (que, por conseguinte, está *depois* do A) significa que, do ponto de vista temporal, o A surgiu primeiro do que o B e esta ordem temporal foi projectada e metaforizada para a linearidade do texto:

---

\* Esta comunicação é uma versão do Capítulo 4.6. em Batoréo, 1996. A problemática aqui abordada foi, igualmente, discutida em "Space Model of Text Structure in European Portuguese", comunicação apresentada na *European Research Conference on the Structure of Learner Language*, em Espinho, 20-25 de Outubro 1996 (Cf. Batoréo, 1996a). A investigação aqui apresentada faz parte do Projecto PRAXIS XXI/BD/5260/95, financiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.



Não existe, neste caso, nenhum traço espacial de carácter universal que nos permita dizer que o elemento B - que se segue ao A, isto é, que se encontra à direita do A e depois dele - se encontre no texto à frente do elemento A. Sucede assim, porque foi este o Modelo Mental criado e convencionalizado ao nível da norma linguística vigente em Portugal pelos seus falantes. Repare-se que a norma do Português do Brasil se caracteriza por opções divergentes das do Português Europeu. A norma culta parece preferir<sup>2</sup> o marcador *diante de* ou *na frente de* para se referir à Localização Dianteira, conceptualizando-a não à direita, como em Portugal, mas à esquerda. Esta conceptualização parece muito mais divulgada em certas línguas particulares<sup>3</sup>, verificando-se, igualmente, em Francês, Inglês, Alemão, Castelhana ou nas Línguas Eslavas, onde o que surge primeiro, antes e à esquerda é considerado como colocado à frente, enquanto o que aparece depois, isto é, que se segue, está à direita<sup>4</sup>

Quadro 2 - Organização espacial do texto não-português

FRANCÊS, INGLÊS, ALEMÃO,  
CASTELHANO, LÍNGUAS ESLAVAS, PORTUGUÊS DO BRASIL:

..... A .....	B .....
antes = à esquerda	depois = à direita
= À FRENTE	= ATRÁS

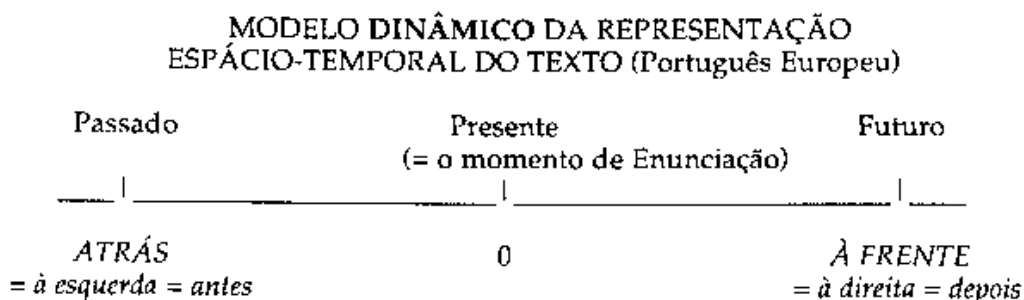
Veja-se que a informação acerca das estratégias espaciais utilizadas na produção dos textos e a criação dos Modelos Mentais convencionalizados ao nível da norma não faz, habitualmente, parte do conhecimento metalinguístico dos falantes nativos de uma língua, nem tão-pouco do conhecimento explícito dos linguístas. A elaboração do Desenho Experimental especialmente concebido para o efeito (Batoréo, 1992) permitiu verificar que 94% da população portuguesa testada atribui a parte *frente* aos elementos do texto à direita, sem ter, na sua grande maioria (mais de setenta por cento), consciência de que, por exemplo, tanto em Inglês como em Francês esta atribuição é efectuada de um modo oposto. Se as fontes - dicionários, gramáticas ou manuais de língua - são totalmente omissas no que refere a esta informação para o Português Europeu, noutros idiomas, a informação explícita é apenas pontual, surgindo, por exemplo, no dicionário *English Language Collins COBUILD Dictionary* (1987) (Batoréo, 1993).

Repare-se que este *status quo*, em que se verifica a inexistência do tipo de conhecimento explícito nos instrumentos de apoio à aprendizagem da Língua Portuguesa, afecta, sobretudo, um aluno estrangeiro para quem o Português Europeu é língua não-materna. Possuidor de um Modelo Mental inerente à língua de que é falante nativo, precisa de o reestruturar no caso de surgirem divergências como a atrás mencionada. Esta reestruturação só pode ser conseguida se for indicada no processo do ensino e/ou explicitada nos instrumentos de apoio à aprendizagem. É importante sublinhar que as diferenças de

atribuição da parte *frente* e *trás* não se limitam, apenas, à linearidade do texto escrito. É projectada, daí, para situações em que os utentes da língua lidam com textos mais complexos, como livros ou ficheiros, em situações de consulta na biblioteca, execução de fotocópias, encadernação de trabalhos, etc., em que, frequentemente, o que é concebido como *frente* ou *trás* por um estrangeiro não corresponde ao nível de referência ao que é designado pelas mesmas palavras por um falante nativo do Português Europeu. A partir daí podem tirar-se conclusões psicolinguísticas de grande pertinência para a Aquisição/Aprendizagem de Línguas. Torna-se, assim, evidente que, para um aprendente do Português como Língua Segunda ou Estrangeira, não é suficiente adquirir as expressões locativas de tipo *atrás* e *à frente*. A aquisição destas formas não lhe trará conhecimento suficiente quanto ao seu emprego numa situação de comunicação. Para estabelecer uma comunicação bem sucedida com os falantes nativos do Português Europeu, o aprendente tem que dominar o Modelo Mental que define a conceptualização inerente a estas expressões.

Comparados os dois Modelos, entende-se, por conseguinte, que o falante nativo do Português Europeu conceptualiza o texto como *Produção*, isto é, um *acto dinâmico* que se "desloca" na direcção do Futuro, à medida que prossegue a escrita, construindo-se um *Modelo Dinâmico do Texto*, ou seja, partindo de *à esquerda = antes = atrás* para prosseguir no sentido de *à direita = depois = à frente*. Este modelo corresponde à organização temporal: o Percurso é estabelecido entre o Passado (= esquerda = antes), o Presente (= o momento de Enunciação) e o Futuro (= direita = depois).

Quadro 3 - Modelo dinâmico da representação do texto português

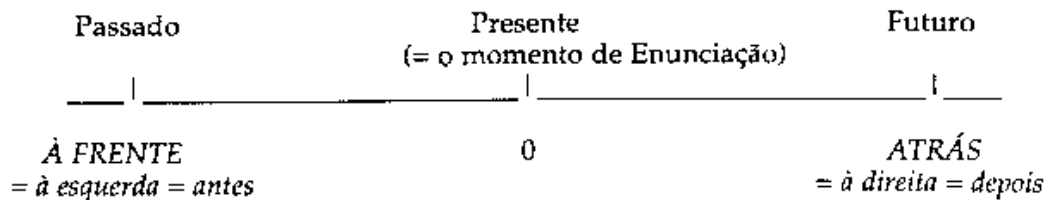


O Modelo Dinâmico transparece no marcador espacial *adiante* e na sinonímia das suas duas acepções: *adiante1* = *à frente*, como em *o cão vai ali adiante* e em *adiante2* = *após, depois, em seguida*, como em *o gato morreu uns dias mais adiante*.

Os falantes nativos de outras línguas aqui referidas, pelo contrário, conceptualizam o texto não como *Produção* mas como um *Produto* concluído de características *estáticas*.

Quadro 4 - Modelo estático da representação do texto não-português

MODELO ESTÁTICO DA REPRESENTAÇÃO ESPÁCIO-TEMPORAL DO TEXTO (Inglês, Francês, Castelhana, Línguas Eslavas, Português do Brasil)



Com base nestes dois Modelos pode concluir-se que para os falantes de muitas línguas - com excepção do Português Europeu - o texto não está em curso para além do processo pontual da escrita; uma vez terminado, funciona como um Produto concluído que deixa de ter características dinâmicas e funciona, apenas, como um corpo estático. Por conseguinte, a sua *frente* (ou *cabeça*) não está virada no mesmo sentido em que prosseguia a *Deslocação* do texto, à medida que ia sendo escrito, já que, segundo este Modelo, a *Deslocação* deixou de existir. O texto, sendo um produto acabado, tende a adquirir a *cabeça* (ou a *frente*) no lugar em que a própria escrita se iniciou cronologicamente, isto é, na primeira letra da primeira palavra, relacionando, assim, a *frente* com a Anterioridade.

Na sequência do que acabou de ser exposto, é interessante verificar que a existência dos dois Modelos aqui apresentados faz transparecer duas perspectivas Espaço-Temporais alternativas que o leitor pode ter do próprio texto. Por apresentar características dinâmicas, isto é, por evidenciar o processo da sua Produção, o Modelo do Português Europeu perspectiva o texto "por dentro", enquanto o Modelo Não-Português implica um posicionamento exterior ao próprio texto, concebido como um Produto concluído. Daí referirmos o primeiro Modelo como *intratextual* e o segundo como *extratextual*. Repare-se que a pertinência de definição dos dois Modelos - o *intratextual* para o Português Europeu e o *extratextual* para algumas outras línguas - pode ser evidenciado, igualmente, pelo tipo de conceptualização subjacente à marcação anafórica observada ao nível interlinguístico. Verifique-se que na referência aos termos anteriormente mencionados no texto, o Português Europeu utiliza, precisamente, o Modelo Intratextual, visto que, na determinação do grau de Proximidade dos elementos antecedentes (Figura) em relação ao elemento referente (Fundo), a perspectivação efectuada é feita "por dentro" do texto. Assim, pode dizer-se "A ternura não embarga a discrição nem *esta* diminui *aquela*"<sup>5</sup>, em que *esta* = a discrição (na indicação do termo *mais próximo* no texto, se perspectivado do ponto de vista do referente) e *aquela* = a ternura (na indicação do termo *mais afastado* se abordado da mesma perspectiva). Em outras línguas<sup>6</sup> a perspectivação é, habitualmente, efectuada com base no Modelo Extratextual, em que o observador se posiciona fora do texto e o aprecia como um todo. Os elementos surgem, assim, numa sucessão do primeiro ao último e não se faz

referência à Proximidade Intratextual. Se obedecesse a este Modelo, a frase atrás citada tomaria a forma de *a ternura não embarga a descrição nem a segunda diminui a primeira*, seguindo, aliás, a indicação explícita de Cunha e Cintra (1984):

Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, servindo-nos do Demonstrativo *aquele* para o referido em primeiro lugar, e do Demonstrativo *este* para o que foi nomeado por último: (...) "Porém de que serve a piedade sem a caridade? ou antes, pode *aquela* existir sem *esta*? (Almeida Garrett).<sup>7</sup>

Considera-se, no entanto, que a preferência mostrada por um dos Modelos não exclui a possibilidade de ocorrência - em certas circunstâncias - do outro alternativo. Observe-se, por exemplo, o caso da definição dos parágrafos num texto escrito ao computador. É prática frequente, neste caso, utilizar a tabulação para iniciar o parágrafo, isto é, criar um espaço tipográfico antes de começar o texto propriamente dito para destacar, por contraste, a sua mancha gráfica. Considerem-se, agora, as expressões coloquiais que podem ser utilizadas para indicar o uso da tabulação, tais como: *avança!*, *recua!*, *mete para dentro!*, etc. Aparentemente contraditórias, traduzem, apenas, a pluralidade subjacente à conceptualização do próprio texto. Assim, o Modelo Intratextual, inerentemente dinâmico, vai seleccionar a expressão *avança!*, na indicação do Percurso a efectuar *para a frente* (= *à direita*) no processo da Produção textual, metaforizada como uma Viagem. Se, no entanto, o Modelo escolhido for Extratextual, isto é, se o texto for visto como um todo - na medida em que o que está em causa é a mancha gráfica da globalidade, contrastada com as margens brancas -, a preferência de uso vai para a expressão *recua!* ou, possivelmente, para *mete para dentro!*, o que traduz a metaforização do texto como um Contentor e não como uma Viagem.

Temos, por conseguinte, a seguinte situação:

#### Quadro 5

##### MODELOS DA REPRESENTAÇÃO ESPÁCIO-TEMPORAL DO TEXTO:

(1) MODELO DINÂMICO = MODELO INTRATEXTUAL  
(METÁFORA DE VIAGEM)

(2) MODELO ESTÁTICO = MODELO EXTRATEXTUAL  
(METÁFORA DE CONTENTOR)

Veja-se a análise efectuada por Vandeloise (1991) a propósito do verbo polisémico francês *avancer*, que também aponta no mesmo sentido. Trata-se de um Movimento efectuado a partir de um ponto futuro de referência que tanto pode ser conceptualizado como prosseguindo para a frente, na direcção do Futuro, isto é, *para lá* no tempo - conforme se exemplifica em *adiantar* (= *avancer*) o relógio<sup>8</sup> -, como no sentido contrário, isto é, "recuando" no sentido do Presente, isto é, *para cá*, conforme se observa em: *antecipar* (= *avancer*) a reunião<sup>9</sup>.

A análise efectuada por Vandeloise para o tipo de conceptualização subjacente ao verbo *avancer*, leva-o a propor uma grelha de classificação das relações Espaço-Temporais em função de três domínios diferentes (Espacial, Temporal e Abstracto) e duas Ordens de avaliação (estática e dinâmica) definidas em função da Origem (o pólo inicial) e o Alvo (o pólo final)<sup>10</sup>, o que, na nossa proposta equivale aos modelos alternativos que veiculam a metáfora de Viagem ou a metáfora de Contentor.

A propósito do verbo polissémico francês *avancer*, assim como da expressão inglesa equivalente *to advance the meeting*<sup>11</sup> que traduzem, simultaneamente, dois Movimentos no eixo temporal - *para lá* e *para cá* - vejam-se os seus equivalentes portugueses. O Movimento *para lá* é transparente nos verbos comuns *avancar*, *acelerar*, *adiar* (a reunião) e *adiantar* (o relógio), assim como nos eruditos *procrastinar*, *protelar* e *protrair*. O Movimento *para cá* é veiculado pelos verbos *antecipar* (a reunião), *adiantar* (o trabalho), *pagar adiantado*, *atrasar*, *retardar*, *ficar para trás*, etc. Repare-se que em muitos dos casos citados não se trata apenas de um verbo de Movimento mas de uma construção parcialmente fixa que traduz os Movimentos em causa. Ao nível linguístico distinguem-se várias acepções do mesmo verbo, como se pode verificar no caso do verbo *adiantar*. Pode distinguir-se, assim, *adiantar1* = *avancar*, como em *adiantar as tropas* (o contrário de *recuar*, *retirar as tropas*), *adiantar2* = *acelerar*, como em *adiantar o relógio* (o contrário de *atrasar o relógio*) e *adiantar3* = *antecipar*, como em *adiantar o trabalho* (o contrário de *atrasar o trabalho*). *Adiantar1* e *adiantar2* transmitem o Movimento *para lá*, enquanto *adiantar3*, o Movimento *para cá*. Por conseguinte, *atrasar2* (contrário de *adiantar2*) refere um momento futuro que vai chegar mais cedo do que o previsto, enquanto o *atrasar3* (contrário de *adiantar3*), pelo contrário, o que vai chegar mais tarde. O Movimento *para cá* subjacente a *adiantar3* transparece, também, na construção *pagar adiantado*, isto é, pagar *antes* do serviço efectuado. É curioso verificar que, enquanto o Português Europeu metaforiza o Eixo Sagital, noutras línguas a metaforização pode abranger, por exemplo, o Eixo Vertical, como acontece em Inglês ou em Polaco, embora com estratégias de conceptualização diferentes. Veja-se, por conseguinte, que *pagar adiantado* equivale a *pagar por baixo*, em Inglês<sup>12</sup>, e *pagar por cima*, em Polaco<sup>13</sup>.

Relembre-se, também, que o percurso efectuado ao recordar os acontecimentos passados pode ser efectuado segundo a metáfora de Viagem ou de Contentor, isto é, ora recuando no tempo passo a passo, ora revendo a imagem total da situação por ordem cronológica. Se, seguindo Vandeloise (1991), imaginarmos, por exemplo, um rei que percorre o caminho ABC: A - as montanhas, B - o arvoredo e C - o lugar em que verifica que perdeu a coroa no caminho, e se procurarmos recordar o percurso efectuado, podemos seguir o caminho CBA (a seguir, o exemplo 24) ou, alternativamente, o caminho ABC (a seguir, o exemplo 25)<sup>14</sup>.

Repare-se que os fenómenos que aqui têm sido analisados como diferentes modelos conceptuais e discutidos em referência à metáfora de Viagem e à metáfora de Contentor foram inicialmente indicados por Fillmore (1971) e por Miller

& Johnson-Laird (1976), na sequência dos estudos efectuados sobre os sistemas de navegação das Ilhas Carolinas<sup>15</sup>. De acordo com estes autores, o Movimento pode ser concebido de duas maneiras: ora o Homem se desloca através da paisagem imóvel ora assume a sua própria imobilidade, partindo do princípio que é a paisagem que se move em relação a ele<sup>16</sup>.

Outros autores, tais como Carlson-Radvansky & Irwin (1994), procuram fornecer uma explicação cognitiva na interpretação da preferência que os falantes têm em relação à escolha de certos tipos da conceptualização do mundo em que vivem. Na sequência de Clark & Wilkes-Gibbs (1986), Carlson-Radvansky & Irwin (1994) defendem que a preferência demonstrada na selecção dos enquadramentos centrados no objecto (= "object-centered frame"), em detrimento dos centrados no espectador (= "viewer-centered frame") e no meio-ambiente (= "environment-centered frame"), traduz menor esforço cognitivo para tal exigido no acto da interacção verbal, em que a referência deíctica constitui sempre uma fonte de ambiguidade e implica um esforço extra para a sua interpretação<sup>17</sup>. Perspectivado nestes moldes, o emprego da metáfora de Viagem que, aqui, propomos parece, de facto, exigir esforço cognitivo mais reduzido por não recorrer à referência deíctica. No entanto, o facto de a metáfora de Contentor ser seleccionada por mais línguas do que a de Viagem significa, provavelmente, que o factor de esforço cognitivo mínimo não é o único, ou pelo menos não o definitivo, na operacionalização desta selecção.

É importante sublinhar o carácter "colectivo" do emprego de um dos modelos pré-existentes como o preferencialmente utilizado numa comunidade linguística. Quando toda a sociedade espera que se domine um dado Modelo Mental, ele passa a ser intersubjectivamente partilhado e sancionado<sup>18</sup>, ou seja, passa a ganhar uma dimensão social, sendo o seu uso controlado pela comunidade linguístico-cultural<sup>19</sup>.

Na linha dos estudos desenvolvidos por Wierzbicka, assim como os efectuados no âmbito de Antropologia Cognitiva (Batoréo, 1996) e, muito especialmente, por Talmy, em Teoria Localista, criam-se os fundamentos da Cognição Cultural<sup>20</sup>. O Modelo Cultural abrange tanto os Esquemas Imagéticos, propostos pela Linguística Cognitiva, como os Esquemas Proposicionais da Lógica e Semântica Formais<sup>21</sup>. Os estudos efectuados nesta área apresentam, obrigatoriamente, características interlinguísticas e interculturais, na medida em que, frequentemente, - e para utilizar as palavras do próprio Talmy - só se consegue verificar a existência de um fenómeno quando se "pisa" um terreno alheio<sup>22</sup>.

## NOTAS

<sup>1</sup> Veja-se, a este respeito, a análise efectuada em Batoréo, 1992, 1993.

<sup>2</sup> Esta constatação baseia-se nas nossas observações da produção linguística dos falantes nativos da norma culta do Português do Brasil, tais como, por exemplo, os participantes no *Congresso Internacional sobre o Português*, realizado em Lisboa em Abril de 1994 (Cf. I. Duarte e I. Leiria (org.)), donde provêm os seguintes exemplos: *na frente* do auxiliar (*sentença*) no sentido de: *antes do auxiliar*



- (frase) (comunicação oral de de Mary Kato no CIP (1994); cf. M Kato (1996), "Português Brasileiro Falado. Aquisição em Contexto de Mudança Linguística", Duarte e Leiria (org.), 1996, Vol II, 209-237); *diant*e do verbo, no sentido de: *antes do verbo* (comunicação oral de Dinah Callou no CIP (1994); cf. D. Callou, J. de Moraes e Y. Leite (1996) "Para uma Nova Dialectologia: a Realização do S e do R Posvocálicos no Português do Brasil", Duarte e Leiria (org.) 1966, Vol III, 405-414), que constituem apenas pequenos apontamentos introdutórios para esta problemática. O assunto exige um trabalho aprofundado, baseado num corpus de referência do Português do Brasil.
- <sup>3</sup> Citamos aqui apenas as línguas em que nos foi possível verificar, directa ou indirectamente, o tipo de Modelo Mental vigente, o que não exclui, à partida, outros idiomas que podem apresentar o mesmo tipo de matriz funcional.
- <sup>4</sup> "Many languages make no formal distinction between "in front of" and "before", and between "behind" and "after". What is in front of an event is what happens before; what is behind, happens after." (Taylor, 1989, 135).
- <sup>5</sup> Machado de Assis, *apud* Cunha & Cintra, 1984, 334.
- <sup>6</sup> Trata-se, aqui, de algumas apreciações genéricas que deverão ser mais aprofundadas em análises interlinguísticas rigorosas. Referem-se, especialmente, às línguas - tais como o Português do Brasil e o Castelhanu - que aparentam características mistas, utilizando o Modelo Intratextual na expressão anafórica e o Extratextual na definição da orientação da parte *frente* do texto (isto é, equivalente à *esquerda*).
- <sup>7</sup> Cunha & Cintra, 1984, 334.
- <sup>8</sup> Exemplo (21) em Vandeloise, 1991, 141. A tradução portuguesa seria *O padre adianta o relógio* (sendo o contrário *atrasa o relógio*).
- <sup>9</sup> Exemplo (20) em Vandeloise, 1991, 141. A tradução portuguesa seria *O ministro antecipa a reunião* (sendo o contrário *adia a reunião*).
- <sup>10</sup> Vandeloise, 1991, 141-142.
- <sup>11</sup> "We should add to this analysis, which we borrow from Fillmore (1971d), the fact that the two conceptualizations are clearly interrelated; if his trial is (now) ahead of his imprisonment, then his trial is now ahead of him. In other instances the distinction is *not subtle at all*: when someone writes that he has "advanced the date of the meeting by two days," do you decide to attend two days earlier or two days later? If you think of time as static and of yourself as advancing into the future, you will believe the meeting was postponed; if you think of yourself as static and time advancing toward you, you will believe the meeting was moved two days earlier." (Miller & Johnson-Laird, 1976, 463).
- <sup>12</sup> "A down payment is a sum of money which is part of the total cost of something and which is paid immediately, when you buy the thing. The remaining amount can be paid later". (Coubuild, 1994, 425).
- <sup>13</sup> "Placic z gory" - à letra: "pagar por cima" - efectuar o pagamento antes do serviço a que este se refere.
- <sup>14</sup> Vandeloise, 1991, 143
- <sup>15</sup> Cf. Hazen, 1983.
- <sup>16</sup> Miller & Johnson-Laird, 1976, 463.
- <sup>17</sup> "We expect that the competition observed between frames would differ greatly for other spatial terms that have different preferred uses. For example, in English, "front" refers to the side facing the viewer, especially for objects without intrinsic fronts (Levelt, 1984). This derives from the fact that ordinarily we speak and interact with the sides of people and objects that face us, which has been referred to as the "canonical encounter" (Clark, 1973). Thus, the preferred uses of "front" are intrinsic and deictic. Therefore, we would expect that for this term, use of the object-centered frame would be most strongly preferred, and that frame would be the most strongly activated, followed by weaker activation within the viewer-centered frame and little or no activation within the environment-centered frame, during spatial term assignment. Note that this claim is specific to English, since in other languages, such as Hausa, interpretation of "front" is quite different (Hill, 1982). (...) (...) Perceptual tasks such as the rod and frame task have found a reliance on an external visual framework, much like the environment-centered reference frame. Linguistically, the results provide support for theories about semantics and cognition that posit an influence of the perceptual world on language use (Clark, 1973; Herskovits, 1988; Jackendoff & Landau, 1991; Talmy, 1983). The preference for the object-centered reference frame over the viewer-centered reference frame also makes sense in terms of theories of speaker/listener coordination (Clark & Wilkes-

- Gibbs, 1986) that *emphasize the minimization of cognitive effort for both parties* - the viewer-centered frame switches from one person to the next and causes confusion (for example, think about the difficulties with using left/right with a person you are facing). In contrast, the object-centered frame remains invariant. (...)" (Carlson-Radvansky & Irwin, 1994, 670). (Sublinhados nossos).
- 18 "Intersubjectively shared, used and sanctioned" (Roy G. D'Andrade, 1989, 824).
- 19 "In certain cases the culture or the language requires one particular way of looking at the situation over other possibilities. In effect, the option of selecting a preferred emphasis or viewpoint is removed from the speakers in these cases - a linguo-cultural "pre-selection" among the potential alternatives has already been made." (Talmy, 1983, 267). Cf., também, "It is difficult to resolve whether "pre-selection" - i.e., constraints on options in schematization - is a purely formal aspect of a language's rule system or is always originally due to some psycho-cultural exigency that has become conventionalized in language usage. It may be that there are cases of both types. Thus, we would probably want to appeal to different cultural emphases in mode of perception to account for the distinct cultural emphases for the distinct understandings of the phrase "in front of" generally found among Americans as opposed to Hausas (...). The case for culturally different emphases is supported by Hill's (1975) observation that individuals' understanding of the phrase is not uniform throughout each culture, but is a matter of proportion, one that in fact varies according to age." (Hill, C. (1975). "Variation in the use of "front" and "back" in bilingual speakers", *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, University of California, 1975).
- 20 A cognição cultural parte da hipótese de Talmy, segundo a qual "grammatical elements are defined by a relatively few criteria and that these criteria are relational and topological in character" (Roy G. D'Andrade, 1989, 806).
- 21 "The overall point is not that people reason using mental models rather than formal logical systems. This point has been made effectively by Johnson-Laird. The point here is that much of the reasoning that people do depends on *cultural* models, and that these cultural models are *more* than just some kind of package of information about the world." (Roy G. D'Andrade, 1989, 823).
- 22 "(...) Some pre-selections of schematization are so pervasive through the local context that they can easily go unnoticed until one *steps over to another language /culture*. Thus, our linguo-cultural view of a table has us regard the tabletop as comprising the table's essential geometric character, with the legs merely as incidental appendages. Thus, a ball thrown across from one person to another between the legs of a table is said to be thrown *under* the table. In Atsugewi, by contrast, a table can be regarded as tabletop plus legs all taken together as a volumar configuration, so that the same ball would be said to be thrown *through* the table. The option for such an idealization is not present for English speakers - and may rarely have been envisioned." (Talmy, 83, 267-268).

## BIBLIOGRAFIA

- BATORÉO, H. J. (1992), "Compreensão e Produção de Algumas das Expressões Espaciais em Português Europeu - Experiência F", Relatório apresentado à JNICT, Abril 1992.
- (1993), "Andar e Nadar: Um Problema Linguístico ou Cognitivo?" *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, 1993, 43-60.
- (1996), *Contribuição para caracterização da Interface Expressão Linguística-Cognição Espacial no Português Europeu. Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas Provocadas*, Dissertação de Doutoramento (a apresentar à FLUL, Lisboa, 1997)
- (1996a), "Space Model of Text Structure in European Portuguese" comunicação apresentada na *European Research Conference on the Structure of Learner Language*, em Espinho, 20-25 de Outubro 1996.
- CARLSON-RADVANSKY, L. & D. E. IRWIN (1994). "Reference Frame Activation During Spatial Term Assignment", *Journal of Memory and Language* 33, 616-671.
- CUNHA, C. & L. F. Lindley CINTRA (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- D' ANDRADE, R. G. (1989). "Cultural Cognition", Posner (ed.) (1989), 795-830.

## MODELO ESPÁCIO-TEMPORAL DO TEXTO

- DUARTE, I, e I. LEIRIA (org.) (1966). *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, Universidade de Lisboa, AOL, Colibri, 1996.
- HAZEN, N. L. (1983). "Spatial Orientation: a Comparative Approach", Pick & Acredolo (eds.) (1983), 3-38.
- LAKOFF, G (1987). *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. The University of Chicago Press: Chicago and London.
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we Live by*, The University of Chicago, trad. polaca e prefácio de T. Krzeszowski, PIW, Warszawa, 1988.
- MILLER, G. A. & P. N. JOHNSON-LAIRD (1976). *Language and Perception*, Cambridge, Mass.: Harvard University Press & London: Cambridge University Press.
- PICK Jr., H. L. & Linda P. Acredolo (eds) (1983). *Spatial Orientation: Theory, Research and Application*. New York & London: Plenum Press, 1983.
- POSNER, M. (ed.) (1989). *Foundations of Cognitive Science*, A Bradford Book, The MIT Press, Cambridge, Ma., London, England, 1989.
- TALMY, L. (1983). "How Language Structures Space", Pick & Acredolo (eds.) (1983), 225-282.
- TAYLOR, J. R. (1989). *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*, Clarendon Press, Oxford, 1991.
- WIERZBICKA, A. (1992). *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts*, N.Y., Oxford University Press.
- VANDELOISE, C. (1986) *L'Espace en Français. Sémantique des Prépositions Spatiales*, Paris: Éditions du Seuil, 1986. Trad. inglesa: *Spatial Prepositions. A Case Study from French*. The University of Chicago Press, Chicago and London, 1991.